



GT02 – As representações do feminino na literatura regionalista: diálogos entre história, cinema e literatura

Coordenador(es): Giuseppe Roncalli Ponce Leon de Oliveira

A FIGURA REPRESENTATIVA DA MULHER NORDESTINA NA OBRA “VIDAS SECAS” DE GRACILIANO RAMOS

George Patrick do Nascimento¹

Islany Kelvi Silva Tomaz Alves²

1 INTRODUÇÃO

É bem verdade que, durante a história da humanidade, as mulheres foram tratadas como seres inferiores aos homens, e assim foi também na literatura, no sentido de elas não poderem ingressar nem no mundo da escrita nem no da leitura, ou seja, de serem escritoras de romances, poemas e outras manifestações literárias. Porém, as mulheres sempre estiveram nos livros, mas como musas, como figuras perfeitas e intocáveis, ou como humanas que falham e possuem defeitos. Enfim, o ser “mulher” só podia ocupar, exclusivamente, a função de personagem ou instrumento de inspiração, que seria representado no papel pela criatividade de algum homem.

Mas os tempos evoluíram e essa parte da história realmente virou história. A mulher conseguiu seu espaço perante a sociedade e ainda vem lutando por tantos outros direitos. Na nossa literatura brasileira, podemos citar o exemplo de Rachel de Queiroz, que foi uma grande escritora. Seu talento foi tamanho que impressionou até mesmo os homens escritores de sua época, como foi o caso de Graciliano Ramos que chegou até mesmo a questionar a autoria de uma das obras de Rachel (O Quinze). Contudo, posteriormente esses dois autores iriam

¹ Graduando em Letras-UFCG, e-mail: geo.patrick@hotmail.com

² Graduanda em Letras-UFCG, e-mail: islany2011etsc@live.com

tornar-se grandes amigos, findando na reestruturação dos conceitos de Graciliano sobre a potencialidade artística que as mulheres possuem, já que elas também são seres pensantes.

Na obra *Vidas Secas* de Graciliano Ramos, o personagem principal é um homem chamado Fabiano, porém, a personagem sinha Vitória também tem um relevante papel no enredo do romance, de modo que, é mostrado no texto passagens que demonstram uma possível inferioridade do próprio Fabiano em relação a ela, como no quesito inteligência. Assim, descartando as opiniões de Graciliano sobre capacidade intelectual das mulheres, é bem verdade que ele cria nesse seu livro a representação de uma mulher detentora de saberes e culturas que superam a dos próprios homens, como é evidenciado na obra.

2 VIDAS SECAS: FICÇÃO FUNDAMENTADA NA REALIDADE NORDESTINA

Apesar de não haver nenhuma passagem que identifique o lugar, melhor dizendo, a cidade ou região em que as personagens da obra *Vidas Secas* estão inseridas, é possível perceber claramente que se trata do sertão nordestino por uma série de fatores, como o linguajar, os costumes, a questão do problema da seca ou simplesmente pela vegetação descrita no livro, que é a caatinga. No filme de Nelson Pereira dos Santos isso fica mais evidenciado em virtude de ser um gênero que utiliza imagens, ou seja, que ilustra claramente os seres e acontecimentos relatados na obra de Graciliano.

O alagoano Graciliano Ramos constrói o romance em análise numa perspectiva que privilegia o narrador, tanto que as demais personagens praticamente não falam muita coisa, além do autor as rebaixar para a condição de coisas, animais e seres miseráveis. O romance é então, fundamentalmente, de terceira pessoa por meio de um narrador onisciente.

Graciliano situa as personagens Fabiano, Sinha Vitória e os filhos como exemplos de seres convertidos em animais, brutalizados que estão em suas pelegas para sobreviver. Nesse contexto, eles abandonam a terra ressequida em que nasceram, e vão procurar em outras paragens trabalho, comida, carinho, ternura, alegria, beleza... vida. (PERDIGÃO, 2010, p. 41).

Essas descrições de inferioridade serviram para que o autor pudesse demonstrar o nível de pobreza e de vida difícil que o povo do sertão nordestino se encontra ou se encontrou em épocas em que o problema da seca era tão preocupante na região. É cabível ressaltar que o próprio Graciliano era nordestino, então ele estava bem informado sobre a problemática existente no Nordeste brasileiro, como também dos costumes e das pessoas desse território. Assim, ao caracterizar suas personagens numa perspectiva de inferioridade humana, ele o faz principalmente no Fabiano, que era o trabalhador subordinado, o vaqueiro, “o cabra”, ou seja,

que estava nessa condição de rebaixamento. O autor faz essa construção para comprovar o estereótipo do homem sertanejo, da pessoa pobre e sem estudos.

Sinha Vitória, por sua vez, era submissa ao marido, como manda os costumes do casamento e da sociedade. Mas, apesar dessas marcas, ela é a pessoa que detêm a inteligência da família, é a que aconselha, é em outras palavras a parte culta de Fabiano, porque, contrariando de certa forma os costumes da família patriarcal, “embora sejam subordinadas, as mulheres não são destituídas de poder” (BRANCO, 2000, p. 37).

Aproveitando essa realidade brasileira o diretor/roteirista Nelson Pereira dos Santos lançou na década de 60 o filme intitulado *Vidas Secas*, em virtude de ser uma reprodução fiel, segundo ele, da obra de Graciliano Ramos. O cineasta Nelson Pereira foi um típico representante da corrente neo-realista italiana no Brasil e, portanto, percebeu no livro já mencionado, elementos que caracterizavam a verdade impactante das pessoas e da sociedade nordestina da época em que o filme foi produzido, podendo ainda ser atual, já que a existência de áreas secas em território nordestino, provocada por fatores como “a ausência ou a irregularidade da chuva, agravada por causas socioeconômicas e políticas, tem sido uma das maiores preocupações da população local principalmente porque, a maioria dela, depende da agricultura e da pecuária para sobreviver” (BRANCO, 2000, p. 79).

3 O PAPEL CULTURAL, SOCIAL E FAMILIAR DA MULHER CONSTRUÍDOS NUMA PERSPECTIVA RELIGIOSA E FINANCEIRA

Foi dito anteriormente que a personagem sinha Vitória, esposa de Fabiano, era tida por ele como uma pessoa de singular inteligência. Fabiano, homem matuto e de poucas palavras, a admirava por isso e por compreendê-lo da forma rude que ele era. De fato, Fabiano era um homem sem muito jeito para conversas, tanto que ele próprio usava de onomatopeias ou palavras e frases feitas de um dos seus amigos, o seu Tomás da bolandeira, como também da própria mulher.

Carlinhos Perdigão (2010) descreve a esposa de Fabiano da seguinte forma:

Sinha Vitória, sua companheira, é a encarregada dos serviços domésticos e das crianças, religiosa, acredita em Deus e na Virgem Maria; objetiva, sabe raciocinar e contar com bagos de feijão quanto Fabiano receberá do patrão (por conta disso, o marido a via como esperta, pois “ele era bruto, mas a mulher tinha miolo”); sonhadora, sua maior aspiração era possuir uma cama igual à do seu Tomás da bolandeira, este, homem educado e de leituras variadas. (PERDIGÃO, 2010, p. 42).

Sinha Vitória era uma pessoa com desejos simples, para ela bastava possuir uma cama mais confortável do que a de varas em que ela e seu cônjuge dormiam. Analisando essas descrições, podemos encontrar nessa personagem características que representam o perfil de muitas mulheres nordestinas como também de outras áreas, pois quando o assunto é vida humilde ou pobre, sabe-se que essa temática não é restringida à apenas uma região do país.

Tradicionalmente, certas funções sempre estiveram, por obrigação, na responsabilidade da mulher, como por exemplo, cuidar da casa e dos afazeres domésticos em geral. No caso de lugares menos favorecidos economicamente e politicamente, nem sempre as mães podiam dar uma boa educação para seus filhos, principalmente se fossem as famílias do campo, já que elas não tinham acesso tão fácil às cidades. Devemos ressaltar que a obra *Vidas Secas* mostrava a realidade da região Nordeste que, de fato, era menos beneficiada do que outras regiões, como o Sudeste, capital econômica e intelectual do Brasil.

Sinha Vitória era bem religiosa e apesar de suas crises de rudeza para com o Fabiano ou os filhos, em certos momentos, como no trecho: “Sinha Vitória tinha amanhecido nos seus azeites. Fora de propósito, dissera ao marido umas inconveniências a respeito da cama de varas” (RAMOS, 2007, p. 40), no fim das contas ela se comportava como uma boa esposa e uma boa mãe de família. Talvez por estar influenciada com os preceitos do catolicismo, de modo que podemos encontrar diversas passagens que apontam para essa conduta religiosa de sinha Vitória: “Rezou baixinho uma ave-maria, já tranquila” (p. 42); “Ouvindo o tiro e os latidos, sinha Vitória pegou-se à Virgem Maria” (p. 88); “Sinha Vitória benzia-se tremendo, manejava o rosário, mexia os beiços rezando rezas desesperadas” (p. 117).

Seja para sossego espiritual, seja por rotina ou por outros motivos, a marca da religiosidade é mais encontrada nas mulheres do que nos homens, já que eles são geralmente considerados “brutos”. Não encontramos isso só no livro ou no filme, mas esse mito está ancorado numa limitada verdade que a sociedade transmite, estabelecendo que os homens são ou devem ser mais insensíveis do que as mulheres. Essas características são repassadas inclusive na criação dos filhos, e é dessa forma que “as personalidades do pai e da mãe imprimem-se nas almas infantis para sempre. O pai encarna a autoridade, e a mãe, o amor” (MORIN, 2007, p. 172). Lembrando que a predominância religiosa no Nordeste do século XX era o catolicismo, que prega justamente o bom comportamento de qualquer ser humano, seja homem ou mulher. Todavia, excluindo esse elemento, outros fatores contribuíram ou contribuem com mais força para a formação da conduta humana dita masculina e feminina de qualquer civilização:

As culturas estabelecem, fixam, mantêm e amplificam uma diferenciação entre homens e mulheres em papéis sociais, especializando-os nas tarefas cotidianas; sobredeterminam as diferenças psicológicas. Instituem um poder masculino que, salvo exceções, atuou continuamente na história das civilizações. (MORIN, 2007, p. 82).

Tanto o homem quanto a mulher são, portanto, o resultado do que o meio social e cultural impõem na vida deles. Contudo, a mulher sempre foi a desfavorecida nessa relação de diferenças. Não é que ela seja inferior ao homem, mas acontece que, do ponto de vista religioso e histórico, “a feminilidade não foi digna de expressão para ingressar na história, ainda que, segundo a cristandade, a mulher seja uma pessoa perante Deus, tal qual o homem e, portanto, igualmente merecedora de sua ação salvadora e de sua misericórdia” (ROBLES, 2006, p. 302), ou seja, em termos sacros a mulher é igual ao homem e, por conseguinte, deveria ter os mesmos valores na sociedade.

As condições climáticas normalmente fazem da região Nordeste um lugar de vivência difícil. É por isso que as mulheres dessa localidade podem ser chamadas de fortes, pois não são todas as pessoas que conseguem, por exemplo, carregar jarros de água na cabeça por longas distâncias ou que conseguem sobreviver com pouco alimento e pouca água, entre outros feitos demonstrados no livro de Graciliano e no filme de Nelson Pereira dos Santos, os quais buscaram justamente evidenciar a vida intensa e difícil do povo sertanejo, da mulher sertaneja. Porém, apesar de toda essa força, infelizmente a mulher nordestina não pode nem desfrutar de suas habilidades em lidar com as situações complicadas da vida sem que seja comparada com um homem (símbolo tradicional e cultural do poder, do vigor), por isso o uso do termo popular “mulher macho”, ou seja, para ser forte a mulher tem que ser um “homem”. Tal pensamento é, na verdade, um insulto à classe feminina do nordeste brasileiro.

Outra realidade que as obras analisadas aqui nesse trabalho mostram é a questão do indivíduo que, sabendo ler e escrever, consegue dominar os leigos, melhor dizendo, consegue colocá-los numa relação de subordinação. De fato, ter conhecimento das letras pode fazer a diferença na vida em conjunto dentro de uma civilização. Chauí (1990) aponta o status social que as atividades de leitura e escrita podem produzir nas camadas mais aristocráticas:

A elite está no poder (...) porque detém o saber. Se, enquanto “maior”, o dominante é representado como um senhor, enquanto detentor do saber tende a ser representado como “melhor”. Nessa medida, a expressão autoritarismo das elites, embora em si mesma seja redundante e evasiva, contudo nos ensina alguma coisa: deixa mais nítido o lugar por onde passa a representação da diferença entre cultura do povo e a do não-povo. Essa

diferença já é visível na fala do dominado, pois embora continue a estabelecer uma distinção cujo corte é dado pela separação entre pobres e ricos, entretanto é frequente ouvi-lo referir-se ao “rico” como aquele que tem “leitura”. (CHAUI, 1990, p. 49).

Como estamos examinando a obra *Vidas Secas* numa perspectiva que envolve o ser mulher, e delimitando mais ainda, a mulher nordestina, podemos primeiramente citar o contraste que há entre essas duas vertentes: ricos e pobres. Durante as obras, romancista e roteirista exemplificam o poder que o conhecimento tem sobre a vida das pessoas. Sinha Vitória tem o maior apreço pela pessoa de seu Tomás da bolandeira, por esse ser um homem de leitura, um homem de estudo. Fabiano, por sua vez, tinha muita consideração tanto pelo seu Tomás quanto por sinha Vitória, a qual era muito valiosa em sua vida, por ser uma pessoa inteligente, seja por fazer contas com bagos de feijão, seja por fazer descobertas, como a possível causa da seca do lago. Segundo ela, o fenômeno ocorria em virtude do intenso calor do sol juntamente com a ação dos pássaros, que bebiam a água restante da fonte, teoria fortemente estimada por Fabiano: “Sinha Vitória tinha razão: era atilada e percebia as coisas de longe. Fabiano arregalava os olhos e desejava continuar a admirá-la.” (RAMOS, 2007, p. 115). Porém, os conhecimentos de sinha Vitória são, necessariamente, poucos. A dona de casa só sabia fazer contas com o auxílio de grãos, já em relação a seca do lago, dificilmente aves podem fazer tal coisa, o que torna sua teoria falha. Todavia, Fabiano a admirava, pois ela pensava em coisas que ele jamais teria a capacidade de raciocinar.

Visto isso, se pegarmos agora a família do patrão de Fabiano, poderemos notar o quanto a educação era diferenciada entre essas duas famílias, pois no filme há um momento em que Fabiano vê uma mulher apreciando música de violino na casa de seu patrão, como se estivesse tendo aula desse instrumento. É muito provável que essa mulher seja filha ou pelo menos que tenha parentesco com o patrão de Fabiano, porque, como foi mencionado anteriormente, quem exerce poder ou tem o poder econômico, seja no Nordeste ou fora dele, precisa estar em contato constantemente com o mundo dos estudos, para ser respeitado e mostrar-se tanto “melhor” quanto “maior” em relação às outras pessoas, principalmente se elas forem de classes mais baixas. A carga de conhecimento dessa mulher anônima, que, aliás, só aparece no filme, se distingue em aspectos formais e cultos dos conhecimentos humildes de sinha Vitória. Isso não quer dizer que essa pessoa incógnita necessitasse ter contato com a leitura e escrita, mas como parente de alguém importante e formal, supostamente falando, essa mulher teria mais acesso a livros e outras manifestações intelectuais. Além disso, quase que obrigatoriamente, pessoas com essas marcas financeiras demonstram comportamentos

mais sofisticados e eruditos para contrapor-se aos demais indivíduos pertencentes a uma classe econômica inferior.

São poucos os que são “ricos” e muitos os que são “pobres”, mas saber é saber, cultura é cultura, conhecimento é conhecimento. O povo nordestino possui muito disso. Se restringirmos esse povo às classes mais desfavorecidas economicamente, poderemos ver diversidades de saberes intelectuais, como nas pessoas do campo que sabem, por exemplo, cultivar a terra, ordenhar o gado, fazer objetos artesanais, entre outras coisas. Se restringirmos um pouco mais, dessa vez para a classe das mulheres nordestinas, veremos pessoas que vivem para suas casas e famílias, pessoas que são fortes para enfrentarem o problema da água escassa em algumas áreas do sertão, pessoas que são hábeis cozinheiras, pessoas que são simplesmente pessoas.

4 A IDENTIDADE FOLCLÓRICA

É possível identificar na obra *Vidas Secas* diversidades culturais nas ações das personagens. No Nordeste até meados do século XX, que é o tempo representado no livro e no filme, essas manifestações de conhecimentos populares eram, normalmente, mais encontradas nas famílias e pessoas do campo do que nas das áreas urbanas, embora que, no filme há uma passagem que mostra o envolvimento dos indivíduos da classe rica com as festividades folclóricas da cidade, contudo, esses indivíduos estão na condição de público, pois, na verdade, “o folclore é menos uma necessidade da burguesia, mas sobretudo uma forma de saber que se associa, de início, às camadas tradicionais de origem agrária” (ORTIZ, 1994, p. 70). Assim, o envolvimento maior dessas tradições folclóricas se deu e ainda se dá na vida das pessoas nordestinas de classe econômica baixa ou que não sejam tão eruditas a outros conhecimentos de nível escolar e acadêmico.

Para ilustrar essa cultura popular na obra em análise, temos a personagem sinha Vitória que era de certa forma inteligente, religiosa, ornamentava sempre um rosário no pescoço, além de rotineiramente fumar cachimbo: “Sinha Vitória cachimbava tranquila no banco do copiar, catando lêndeas no filho mais velho” (RAMOS, 2007, p. 48).

Seus hábitos são carregados de costumes populares e, portanto, de folclore nordestino. Além de sinha Vitória, tanto livro quanto filme apresentam outra personagem, chamada sinha Terta. Essa mulher era uma senhora de idade, banguela, rezadeira, costureira e “falava quase tão bem como as pessoas da cidade” (RAMOS, 2007, p. 98).

Na verdade, todas as práticas sociais que se diferenciam de um povo para outro, ou de uma região para outra, ou até mesmo de um país para outro, podem ser consideradas

folclóricas, já que folclore é exatamente as diversas manifestações de uma cultura popular, desde hábitos comportamentais até, por exemplo, a produção de objetos artesanais. Dessa forma, podemos entender que “a noção de cultura popular enquanto folclore recupera invariavelmente a ideia de ‘tradição’, seja na forma de tradição-sobrevivência ou na perspectiva de memória coletiva que age dinamicamente no mundo da práxis” (ORTIZ, 1994, p. 70), e ambas as mulheres citadas aqui carregam essas marcas culturais em suas vidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realidade do povo nordestino fica muito bem exemplificada na obra *Vidas Secas*. Graciliano Ramos ao metaforizar suas personagens com animais e coisas de valor inferior ao de um ser humano, procura dar destaque justamente a essa condição miserável que a população sertaneja passou e ainda passa em algumas áreas de difícil vivência por causa da problemática da seca.

Aqui nesse trabalho buscou-se mostrar as características da mulher nordestina representadas pelas personagens sinha Vitória e sinha Terta. Ambas são demonstrações, num primeiro momento, de mulheres religiosas; contudo, sinha Vitória é descrita, além disso, como uma pessoa de raciocínio lógico, o que a faz fugir da condição de animal dita anteriormente.

De fato, a mulher do Nordeste não é só dotada de inteligência para superar os conflitos da vida. Ela é principalmente a figuração de uma mulher forte que, seguindo o bom lado da tradição, busca dar o melhor de si para sua família e para seu lar. Se bem que ela é muito mais do que isso. A mulher é, numa noção geral, o símbolo da continuidade da vida, seja essa vida *seca* ou cheia de ações *vitoriosas*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANCO, Adélia de Melo. *Mulheres da seca: luta e visibilidade numa situação de desastre*. João Pessoa: UFPB, Ed. Universitária, 2000.
- CHAUI, Marilena de Sousa. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.
- MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. 4ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. 5ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

RAMOS, Graciliano. *Vidas Secas*. 103ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

ROBLES, Marta. *Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos*. Trad. William Lagos, Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

PERDIGÃO, Carlinhos. *Fragmentos: poemas e ensaios*. Fortaleza: Premium, 2010.

Vidas Secas. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=2yNTyl_-h1A>. Acesso em: 08 de outubro de 2011.